

NORBERTO ÁVILA

Personagens



BALTASAR DE MONTEMOR – mercador e armador naval
D. MARGARIDA – sua mulher
BERNARDIM DE MONTEMOR – filho de ambos
D. CATARINA – mulher de Bernardim
D. FRADIQUE ALVARENGA – rico mercador e armador naval, fundador e proprietário de um colégio
PADRE SIMÃO RODRIGUES – jesuíta
DAMIÃO DE GÓIS – humanista e viajante
JOANA VAN HARGEN – sua mulher
JERÓNIMO GARCIA – amigo e ex-companheiro de estudos de Bernardim
ESTER DE OLIVEIRA – cristã-nova, mulher de Jerónimo Garcia
SAMUEL DE OLIVEIRA – cripto-judeu, pai de Ester, proprietário duma loja de quadros
JOÃO REBELO – Feitor de Portugal em Antuérpia
O CAPITÃO DO NAVIO
ESTÊVÃO – criado da família Montemor (em Antuérpia)
BASTIANA – escrava negra de D. Fradique Alvarenga
FELÍCIA DO REGO
GIRIGAITA – um rufião.

A acção decorre em Antuérpia e Lisboa, entre 1540 e 1546.

* De Norberto Ávila apresentamos um drama histórico, intitulado *Os Deserdados da Pátria*. A peça, composta por duas partes, desenrola-se em Lisboa e Antuérpia, num período que medeia entre 1540 e 1546.

Entramos no texto a bordo da nau 'São Jorge', propriedade do armador Baltasar de Montemor, e que se encontra ancorada no porto de Antuérpia, pronta a rumar a Portugal. Bernardim de Montemor despede-se de Damião de Góis e regressa a Lisboa, onde pensa vir a ocupar o cargo de Reitor do Colégio Paulo III. A intriga centra-se nas 'nefastas' influências do luteranismo nos humanistas portugueses, facto observado e perseguido pelos Jesuítas.

Das 16 cenas que compõem este drama, seleccionámos 4 que consideramos representativas de um texto que esperamos em breve ver publicado. E... -se um drama não representado fica, de certo modo, incompleto, desejável (e merecido) será vê-lo nas tábuas de um palco.

[...]

CENA 2

Em Lisboa, nos finais de 1540. Uma sala em casa do rico mercador e armador naval D. Fradique Alvarenga.

D. Catarina, a pupila considerada "sobrinha", sentada em cadeira de espaldar, veste um rigoroso traje de luto e lê um livro.

Entra a escrava negra, Bastiana, açodada.

BASTIANA – Notícia boa, senhora D. Catarina.

D. CATARINA (*num sobressalto*)– Que foi, Bastiana? Que foi?

BASTIANA – Pelo jardim. Vem pelo jardim, fazer surpresa.

D. CATARINA – Quem? Explica-te.

BASTIANA – Senhor vosso marido! Senhor Bernardim!

(D. Catarina levanta-se num repente. Fecha o livro e lança-o para cima duma mesa.

Sai Bastiana, apressadamente, por outra porta.)

D. CATARINA (*ao ver o marido*) – Bernardim! (*Corre para ele. E abraçam-se enternecidamente.*)

BERNARDIM – Aqui estou em Lisboa. Nos teus braços!

D. CATARINA – Para sempre, espero!

BERNARDIM – Sim, Catarina. Conforme a inscrição dos túmulos de D. Pedro e D. Inês de Castro: «Até ao fim do mundo»!

D. CATARINA – Não imaginas quanto me custou esta separação!

BERNARDIM – Ora: saudades não são sofrimentos exclusivos de corações femininos! – Como estão todos os parentes? D. Fradique?

D. CATARINA – Estranha coisa, na verdade! Sempre, nesta casa, vi chegar mensageiros, com pedidos de alvissaras. Esses pobres, que vivem nos portos, aguardando os navios. Pois têm por costume, ao vislumbrar que é de meu "tio" alguma nau que vem subindo o Tejo, correr até nós, com a boa notícia.

BERNARDIM – Quem sabe se a recompensa já vai sendo curta para tamanho esfalfamento?

D. CATARINA (*retirando-lhe a capa*) – A viagem, foi boa?

BERNARDIM (*tira a espada, que põe sobre a mesa*) – Foi suficientemente variada para não ser monótona. Em duas palavras: se estava bom tempo, a viagem era um prazer em si mesma; se estava mau tempo, animava-me pensar que o objectivo da minha navegação, da minha odisseia... eram os teus braços.

(Abraçam-se novamente e beijam-se.)

BERNARDIM – E a tua saúde?

D. CATARINA – Boa, graças a Deus. A não ser a saudade, outro padecimento não sofri.

BERNARDIM – Esse tem o seu remédio.

D. CATARINA – Chama-se Bernardim!

BERNARDIM – Parecemos enamorados...

D. CATARINA – E não é assim? – Sentemo-nos um pouco. – A bagagem?

(Sentam-se ambos.)

BERNARDIM – Não tardará, por certo. Deixei as minhas ordens. Trago-te um presente...

D. CATARINA – Nunca te esqueces de mim.

BERNARDIM – E D. Fradique?

D. CATARINA – Foi à missa, a São Domingos.

BERNARDIM – Continua com essa devoção, mesmo aos dias de semana?

D. CATARINA – E sabes tu que, embora muito gentilmente, me censura por eu não fazer o mesmo?

BERNARDIM – Ora, ora. Que ele seja excessivo nas suas devoções, isso é deveras lamentável, mas ainda assim compreensível. Porque se trata de um assunto pessoal, do seu foro íntimo, que só a ele diz respeito. Mas que pretenda arrastar os outros para esses mesmos excessos... *(Pausa)* Enfim: com isto, não tenciono influir na tua consciência. Se acaso sentes necessidade de uma missa quotidiana, certamente que tens plena liberdade...

D. CATARINA – Católica, sim, mas não tanto. Domingos e dias santos, e chega muito bem.

BERNARDIM – E os meus pais, Catarina?

D. CATARINA – Ainda a semana passada os visitei. Achei-os óptimos. Perguntaram por ti, já se vê. Levei-lhes um grande cabaz de laranjas, das que eles tanto gostam. Tua mãe fez questão de ler-me as tuas últimas notícias.

BERNARDIM – Muito semelhantes, naturalmente, às que te enviei, pela mesma altura.

D. CATARINA – E os negócios de teu pai, em Antuérpia? Conseguiu resolvê-los a contento?

BERNARDIM – Espero que sim. Ainda que não me sinta predisposto a estas funções comerciais... Mas ele próprio o dirá, quando lhe der contas bem pormenorizadas...

D. CATARINA – Logo à tarde, bem poderíamos dar um salto a Alfama, a ver os velhotes.

BERNARDIM – Isso mesmo tencionava eu propor-te.

D. CATARINA – Mandarei apanhar umas laranjas. Temos tantas que até se estragam.

(Entra D. Fradique Alvarenga, severamente vestido de luto. Traz capa e espada, um luxuoso «Livro de Horas» na mão.)

D. FRADIQUE – Pois não me enganei. Tanto que entrei em casa, logo me pareceu a voz de meu querido “sobrinho”.

(Levanta-se Bernardim e vai ao encontro do mercador.)

BERNARDIM – Já havia perguntado por vós, como é natural.

D. FRADIQUE – Um abraço, antes de mais *(Abraçam-se.)*

BERNARDIM – Embora já o tenha feito numa das minhas cartas, não quero deixar de reafirmar-vos o muito pesar que me causou a morte de D. Branca, vossa extremosa esposa.

(Levanta-se D. Catarina e ajuda D. Fradique a tirar a capa. E ele próprio coloca sobre a mesa o «Livro de Horas» e a espada ricamente guarnecida.)

D. FRADIQUE – Obrigado, uma vez mais. Foi um duro golpe. Mas Deus Nosso Senhor, no seu alto critério, é que é o supremo e sapientíssimo administrador das nossas vidas. Seja feita a sua divina vontade.

BERNARDIM - E assim há-de ser, até ao fim do Mundo?, sem que nós, os administrados, tenhamos uma palavra a dizer?

D. FRADIQUE - Isso são mistérios, meu caro Bernardim, que nos escapam completamente. Falemos de outros assuntos, bastante mais terrenos.

BERNARDIM - A administração de vossos comércios e navegação, por exemplo.

D. FRADIQUE - Os comércios e as navegações, como vós dizeis, correm como Deus. Nosso Senhor é servido.

BERNARDIM - De vento em popa. Assim espero.

D. FRADIQUE - Aqui há tempos, comprei o galeão "Santo António", que era, como deveis saber, da frota de Belchior Coutinho.

BERNARDIM - O galeão "Santo António"? Cuidava eu que estava em idade de aposentação...

D. FRADIQUE - Pois muito vos enganais, querido "sobrinho". E chama-se agora "Paulo III".

BERNARDIM - Que dizeis? Um galeão com o nome do Sumo Pontífice?! Alexandre Farnésio?!

D. FRADIQUE - Uma simples homenagem, justíssima homenagem ao pai da Cristandade.

BERNARDIM - Surpreendentes notícias, senhor D. Fradique!

D. FRADIQUE - Adquiri um galeão por um preço bastante conveniente. E tendo-o mandado à Índia, ali mesmo recebeu uns consertos, os mais urgentes, e já mostrou quanto valia, na viagem de regresso. Carregou mais de 50 toneladas de pimenta, gengibre e canela; 180 pessoas e 200 escravos.

BERNARDIM - 180 pessoas e 200 escravos. *(Com ironia.)* Esses escravos não são, certamente, do género humano... Ou será por especial deferência, que lhes concedeis uma parcela suplementar no número global dos passageiros...?

D. FRADIQUE - Não, não voltaremos a discutir essas insignificâncias. E muito menos hoje, meu querido Bernardim, dia do vosso regresso.

D. CATARINA - Ora, sentemo-nos os três, tranquilamente. E harmonizemos a conversação, evitando querelas desnecessárias.

(Sentam-se os três.)

D. FRADIQUE (*levando a mão ao estômago*) – Catarina, há-de pedir na cozinha, que me façam uma infusão de camomila.

D. CATARINA (*levanta-se*) – Que tendes, meu “tio”?

D. FRADIQUE – Nada de grave. Quero apenas apaziguar o estômago.

D. CATARINA – Isso é do jejum. Já é tempo de comerdes alguma coisa.

D. FRADIQUE – O melhor alimento é o sagrado corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo.

BERNARDIM – Pena é que vos não tenha caído bem...

(Sai D. Catarina.)

BERNARDIM – Mas iamós então a falar... de...

D. FRADIQUE – Do galeão “Paulo III”. Foi isto o que faltou referir: chegou carregado até mais não poder. E, feitas as contas, vendidas que foram as mercadorias, e os escravos, pagou esta primeira viagem dois terços do que me havia custado o navio e a sua reparação.

BERNARDIM – Sim? Deus, na sua infinita misericórdia, quer mesmo que alguns dos seus fiéis sejam altamente dotados para os negócios. *(Pausa.)* Mas falemos do Colégio, senhor D. Fradique. Falemos do Colégio de São Marcos.

D. FRADIQUE – Colégio Paulo III.

BERNARDIM – Colégio Paulo III? Ai, senhor, que já confundis colégios com galeões!

D. FRADIQUE – De modo nenhum, “sobrinho”. O Colégio chamar-se-á também Paulo III.

BERNARDIM – É lá possível?! Estou a ver que as vossas homenagens ao Sumo Pontífice despontam que nem cogumelos depois de uma boa chuvada!

D. FRADIQUE – É assim. Sou muito espontâneo em manifestar a minha gratidão.

BERNARDIM – Ora, que favores especiais deveis ao ilustre Alexandre Farnésio?

D. FRADIQUE – Todos nós, humilíssimos servos, lhe devemos muito. Basta ser ele o Chefe da Igreja Católica.

BERNARDIM – Mas falai-me do Colégio de São Marcos, quero dizer...

(Volta a entrar D. Catarina e retoma o seu lugar.)

D. FRADIQUE – O Colégio Paulo III...

BERNARDIM – Desculpai interromper-vos. Em nenhuma das cartas que fizestes o favor de enviar-me, tanto a Paris como a Antuérpia nunca houve menção a esse desejo de alterar o nome do Colégio.

D. FRADIQUE – É certo. *(Pausa.)* Catarina, pediste na cozinha a minha infusão de camomila?

D. CATARINA – Já a mandei preparar, meu “tio”.

D. FRADIQUE – E mandaste comprar as minhas guloseimas preferidas? pingos-de-tocha, beijos-de-freira, segredos-de-convento, papos-de-anjo, toucinho-do-céu...?

D. CATARINA – Tudo isso. E também orelhas-de-abade.

BERNARDIM – Espero que não sejam indigestas, essas guloseimas. Especialmente as orelhas-de-abade.

D. FRADIQUE – Será que o vento mudou? Para o Sul? É que me doem a rótula do joelho esquerdo e o metatarso do pé direito.

BERNARDIM – Tomara eu que vos aprontem essa infusão de camomila. Porque se diz ser muito recomendável aos partos laboriosos. Senhor: falemos do nosso Colégio de São Paulo III.

(Ri-se D. Catarina com o deslize do marido. Ele olha-a, intrigado.)

D. CATARINA – Disseste: Colégio de “São Paulo III”.

(Bernardim ri-se também.)

D. Fradique, esse, menos sensível ao humor que aos achaques reumáticos, afaga com uma mão o joelho esquerdo, com a outra o metatarso do pé direito.)

BERNARDIM – *Lapsus linguae.* Nada de canonizações prematuras. *(Ri-se novamente.)* Algum dia se há-de ver – nós ou quem vier depois – se se cumpre ou não esta minha involuntária profecia. Dada a facilidade com que alguns reis e outros senhores deste Mundo têm encomendado e pago certas canonizações...

D. FRADIQUE *(recompondo-se)* – Vejo que estais de muito bom humor, Bernardim. Bom proveito vos faça. Pena é que, passados tão poucos meses sobre o falecimento de minha extremosa esposa, vos permitais formentar o riso. E esta casa não é propriamente o Paço da Ribeira, onde possam ter lugar as facécias de Mestre Gil Vicente.

BERNARDIM – Estou pronto a pedir-vos desculpa, senhor D. Fradique. Nunca julguei que a minha boa disposição pudesse ofender os vossos sentimentos, que naturalmente respeito. Nem que, de qualquer modo, fosse motivo de escândalo.

D. FRADIQUE – É do Colégio Paulo III que desejais ouvir falar?

BERNARDIM – Coisa bastante compreensível, afinal.

D. FRADIQUE – Pois aí vai. (*Pausa.*) Terminadas as obras de restauro do velho palácio...

D. CATARINA – Eu chamar-lhe-ia... palacete.

D. FRADIQUE – Palácio, digo eu. – Terminadas as obras, tratei de apetrechá-lo de mobília e tudo o mais que lhe é necessário.

BERNARDIM – Sendo assim, dentro de alguns meses...

D. FRADIQUE – Acaba de me ser concedido o privilégio real.

BERNARDIM – Pois muito me alegram essas notícias, senhor D. Fradique.

D. CATARINA (*tomando a mão de Bernardim, afectuosamente*) – Agora o primeiro passo é certamente a nomeação do reitor...

BERNARDIM – Estou pronto a assumir os meus compromissos...

D. FRADIQUE – E essa infusão de camomila. Nunca mais está pronta.

D. CATARINA – Aguardai um pouco, meu “tio”. Para produzir bom efeito, terá de apurar um instante.

BERNARDIM – Trouxe comigo, naturalmente, o documento passado por Mestre Gouveia, reitor do Colégio de Santa Bárbara, de Paris, que justifica todo o vosso empenho em entregar-me a orientação deste novíssimo Colégio de Lisboa.

D. FRADIQUE – Quero que o meu Colégio Paulo III seja um dos melhores de Lisboa, e do Reino!

BERNARDIM – Pela minha parte, tudo farei para que não sejam iludidas todas as vossas esperanças.

D. FRADIQUE – Mas não nos precipitemos.

BERNARDIM – Estranho as vossas palavras, senhor D. Fradique.

D. CATARINA – E eu também, confesso. Por que não falais claramente?

D. FRADIQUE - Pois falarei claramente. E o que tenho a dizer-vos, meu caro Bernardim, é que... - Essa infusão de camomila vem ou não vem?

D. CATARINA - Não tarda aí, meu "tio". Pacientai-vos, por favor. E acabai com esses mistérios.

D. FRADIQUE - É que... - O homem põe e Deus dispõe, como se costuma dizer. - Ainda que as minhas palavras, claro está, não sejam definitivas. Mas enfim... é sempre conveniente moderarmos os nossos entusiasmos...

BERNARDIM - Explicai-vos, D. Fradique. E por uma vez!

D. FRADIQUE - Tenho a comunicar-vos, com alguma mágoa... Melhor dizendo: com muita mágoa, até... que... para este lugar de reitor do meu Colégio Paulo III existe um outro pretendente...

D. CATARINA - Como assim?

BERNARDIM - Um outro pretendente? *(E levanta-se inquieto.)*

D. FRADIQUE - Pessoa de qualidade. E de certo peso, que muito foi recomendada.

BERNARDIM - Mas quem, por favor?! E recomendada por quem?! Pelo Rei D. João III?! Pelo Papa?!

D. FRADIQUE - Desculpai-me, "sobrinho", mas nada mais vos poderei acrescentar. Por enquanto.

BERNARDIM - Será que alguém se atravessou no meu percurso?

D. FRADIQUE - Nada de conclusões levianas. Dai tempo ao tempo.

D. CATARINA - Mas entre vós e Bernardim, meu "tio", quer oralmente quer por escrito, não ficou devidamente assumido este compromisso?

D. FRADIQUE - E que havemos de fazer, Catarina, quando vontades fortes e poderes soberanos se nos cruzam no caminho que tencionávamos seguir...? De qualquer modo, isto não foi contrato que fizéssemos, redigido e firmado por tabelião.

BERNARDIM - Como? A palavra de um homem - de um homem que se preza de o ser, digo - já não tem valor? A palavra em si mesma? A palavra de um homem honrado?

D. FRADIQUE - Moderai-vos, "sobrinho". E não tireis do que eu disse conclusões prematuras e atabalhoadas. Mantende-vos sereno. Aguardai alguns dias. Pode

ser até que haja alguma contravolta, que vos seja favorável. É o que peço a Deus, com todas as veras do meu coração.

(Vendo o súbito abatimento em que caiu Bernardim, levanta-se D. Catarina e dirige-se para ele. E toma-lhe nas suas as mãos desanimadas.

Entra a escrava Bastiana, trazendo a infusão de camomila: uma taça de porcelana chinesa, numa bandeja de prata. Ajoelha-se ao lado da cadeira senhorial e, sentada sobre os calcanhares, aguarda que D. Fradique Alvarenga tome a bebida.)

D. FRADIQUE – É certo que se trata de uma pessoa de muito peso, que muito me foi recomendada. *(Pausa. Bebe.)* Pouca sorte, na verdade. *(Pausa. Bebe.)* Mas não é caso para desânimos. A vida continua. *(Pausa. Bebe.)* E Deus Nosso Senhor, com a sua infinita misericórdia, há-de favorecer-nos a todos, repartindo as suas benesses segundo os nossos merecimentos.

CENA 3

No mesmo dia, em casa de D. Fradique Alvarenga.

Entra o Padre Simão Rodrigues, jesuíta, logo seguido do mercador.

D. FRADIQUE – Queira Vossa Paternidade perdoar-me o atrevimento.

PADRE SIMÃO – Ora, por quem sois, D. Fradique Alvarenga. E até calhou bem, que há já uns dias não temos uma daquelas conversas, sempre tão proveitosas. Pelo menos para mim!

D. FRADIQUE – E que não direi eu, senhor Padre Simão Rodrigues?! Maior proveito é o meu, já que sou ignorante de muitas e infinitas coisas (particularmente nos domínios da nossa Santa Religião) que Vossa Paternidade tem para ensinar-me.

PADRE SIMÃO – Deixemos retóricas e apologias.

D. FRADIQUE – Sentai-vos, por favor.

(Sentam-se ambos.)

D. FRADIQUE – Tomei a ousadia de chamar-vos a minha casa. E mais ainda me desculpareis o pedido de urgência.

PADRE SIMÃO – Ora, ora. A boa amizade permite isso e muito mais. Estou ansioso por ouvir-vos.

D. FRADIQUE – O caso é este: Bernardim de Montemor acaba de chegar a Lisboa.

PADRE SIMÃO – Oh Diabo! – (Retiro o nome do Espírito Maligno.)

D. FRADIQUE – Chegou esta manhã, de Antuérpia. A nau “São Jorge”, da frotazinha paterna, como sabeis, imagino-a eu subindo o Tejo, ajoujadinha de todo. Não tanto de mercadorias – que aquilo é fraca gente de negócios – mas das não sei quantas mil toneladas de entusiasmo do jovem Bernardim.

PADRE SIMÃO – Com que então, o rapaz vinha alvoroçado com a ideia de ser reitor do nosso querido Colégio Paulo III?

D. FRADIQUE – Pois também se compreende! E a verdade é que sempre lhe prometi o lugar.

PADRE SIMÃO – Mais grave seria cumprirdes a promessa, entregando a quem não é de inteira confiança um estabelecimento de ensino que, noutras mãos, muito poderá servir a nossa causa.

D. FRADIQUE – Por outro lado, pensando bem, admito que isto possa despertar no meu coração alguns remorsos...

PADRE SIMÃO – Remorsos teríeis se vos decidissemos por Bernardim de Montemor.

D. FRADIQUE – É um jovem em quem não deixo de reconhecer qualidades muito positivas: seriedade, erudição e cultura, capacidade de trabalho, entusiasmo... E, sobretudo, dificilmente me poderei esquecer de que ele é o marido de Catarina, a filha que Deus não me concedeu.

PADRE SIMÃO – Senhor D. Fradique: evitai que o vosso espírito, normalmente tão grave e esclarecido, se enrede em sentimentos de vária ordem, que só podem prejudicar a viabilidade do nosso projecto. *(Pausa)* Podemos conversar à vontade? Vossa “sobrinha” não estará por aí perto?

D. FRADIQUE – Ficai descansado. Ela e o marido foram a casa de Baltasar de Montemor. Por isso mesmo aproveitei esta ausência de ambos para enviar-vos recado, que viésseis...

PADRE SIMÃO – Muito concretamente, meu bom amigo: em que pé ficaram as coisas, no termo dessa vossa conversa com Bernardim?

D. FRADIQUE – Disse-lhe que não lhe poderia dar ainda uma resposta definitiva. Mas que aguardasse alguns dias, que, entretanto, tudo se haveria de esclarecer.

PADRE SIMÃO – Mas as razões... as verdadeiras razões...?

D. FRADIQUE – Informei-o de que já não era o único pretendente ao lugar de reitor.

PADRE SIMÃO – Sim?

D. FRADIQUE – Que me havia sido recomendada, com muito empenho, por alguém de muito peso e influência, outra pessoa igualmente qualificada. Bernardim, claro está, quis saber pormenores. Mas escusei-me a isso. Fez-se um grande silêncio, incómodo, entre ele e eu, que se prolongou por umas duas horas ou mais. Ao meio-dia, mesmo assim, tomámos a refeição em conjunto. A dado passo, ocupado cada um com o seu motreco de faisão, aconteceu falar Bernardim dos seus últimos momentos em Antuérpia. Tudo preparado para a partida, chegou-lhe a visita de um amigo que ele diz ser muito querido.

PADRE SIMÃO – Quem poderia ser?

D. FRADIQUE – Damião de Góis.

PADRE SIMÃO – Damião de Góis?! Visitas desse teor dispensaria eu muito bem!

D. FRADIQUE – Disse que Damião o tinha festejado muito, ao saber da expectativa com que regressava a Portugal: a de ser reitor do novo Colégio...

PADRE SIMÃO – *Vade retro...*

D. FRADIQUE – Mais: Que o dito Damião de Góis se dispunha até a enviar-lhe uma carta de empenho e recomendação, para, se necessário fosse, em qualquer emergência...

PADRE SIMÃO – Finório! Como se adivinhasse qualquer barbicacho. Ora, Damião de Góis deveria convencer-se, de uma vez por todas, que Portugal é um país católico por excelência.

D. FRADIQUE (*com certa ironia*) – Mas que pretendeis dizer, Padre Simão Rodrigues? Que Damião de Góis se afasta algum tanto do correcto e verdadeiro caminho da nossa Santa Religião?

PADRE SIMÃO – Cala-te, boca!

D. FRADIQUE – Mas não foi o nosso catolicíssimo Rei D. João III que o nomeou, há-de haver uns 16 ou 17 anos, escrivão da Feitoria de Portugal em Antuérpia?

PADRE SIMÃO – Ora! Eram ainda muito novos. Andavam ambos pelos vinte anos. Por coincidência, nasceram ambos em 1502.

D. FRADIQUE – Meu Deus! Sabeis todas essas miudezas!

PADRE SIMÃO – E muito mais vos poderia referir.

D. FRADIQUE – Em todo o caso, pretendeis insinuar que o nosso querido Rei D. João III, aos vinte anos, seria um tanto ou quanto desavisado, menos experiente...

PADRE SIMÃO – E que Damião de Góis, com os mesmos vinte anos, andaria ainda pelo verdadeiro caminho de Nosso Senhor Jesus Cristo, o que, naturalmente, não daria lugar a qualquer suspeita...

D. FRADIQUE (*levanta-se e põe-se a caminhar na sala, de lado a lado*) – É um bom argumento. (*Pausa.*) Mas repare Vossa Paternidade que no ano de 533 - e recordo-me de um assunto grave que tive de tratar com ele - o nosso Damião de Góis estava já em Portugal, nomeado tesoureiro da Casa da Índia. E nomeado por quem? Pelo mui excelente e piedoso Rei D. João III. Que devemos então concluir daí? Que, passados dez anos, Damião de Góis continuava a ser insuspeito?

PADRE SIMÃO – Antes de mais, convém lembrar que Damião de Góis, investido nas suas funções de tesoureiro da Casa da Índia, não tardou em desembaraçar-se do honroso cargo. E Deus seja louvado por tal benefício! Porque - isso sei eu muito bem - com o pretexto de ir em peregrinação a Santiago de Compostela, do estrangeiro escreveu ao Soberano, pedindo-lhe exoneração do lugar e dispensa de qualquer actividade diplomática. Motivo alegado: a continuação dos estudos.

D. FRADIQUE – Mas que terá ele feito naquele espaço de dez anos, Padre Simão?

PADRE SIMÃO – Ora! Aguentou-se ainda uma meia dúzia de anos como escrivão da nossa Feitoria em Antuérpia. Depois foi-lhe o nosso inocente D. João III pedindo diversas missões, na Polónia, na Lituânia, na Dinamarca... Entretanto, ainda antes de iniciar os estudos na Universidade de Lovaina, passa por Vitemberga, onde convive - imagine-se! - com Lutero e Melanchton!

D. FRADIQUE – Que me dizeis? Damião de Góis é certamente um homem ainda muito mais suspeito do que se poderia imaginar! - E como é possível que o nosso catolicíssimo Rei não tenha conhecimento de quem é o audacioso personagem?!

PADRE SIMÃO – Terá conhecimento, descansai, terá conhecimento. Deixai-me cumprir o meu percurso, paulatinamente. - Ah, mas a audácia do herege Damião de Góis! (*Levanta-se e põe-se igualmente a passear de um lado ao*

outro.) Ainda encontrou ocasião de dar um salto a Friburgo, para conhecer e conviver com Erasmo!

D. FRADIQUE – Erasmo!

PADRE SIMÃO – Com quem, ao longo de 8 meses, estudou Humanismo e – aqui é que estava o perigo – Re-li-gi-ão!

D. FRADIQUE – Não, por certo, a verdadeira, a de Nosso Senhor Jesus Cristo! – Só me admiro como Vossa Paternidade conhece tanto acerca de Damião, o renegado. (Que estou convencido que o é!)

PADRE SIMÃO – Pois vou tomando as minhas notas. *(Pausa.)* E não sabeis que, no ano de 534, estudando eu em Pádua, cheguei a ser companheiro de quarto do mesmo Damião?!

D. FRADIQUE – Caio das nuvens! Nunca tal coisa me disse Vossa Paternidade!

PADRE SIMÃO – Pois não admira, senhor D. Fradique! Se nos conhecemos há tão pouco tempo! E só agora veio a propósito referir o caso.

D. FRADIQUE – Estou perplexo com as vossas revelações.

PADRE SIMÃO – Bem vedes, meu excelente amigo: uma carta de empenho e recomendação assinada por Damião de Góis...

D. FRADIQUE – ... herege com todas as letras...

PADRE SIMÃO – ...não é certamente o documento que mais convenha ter em consideração. Aliás, interessa muito salientar que Damião de Góis fora expulso de Friburgo, pelas suas ideias pró-luteranistas e erasmistas. Por isso Erasmo o aconselhara a ir estudar para Pádua.

D. FRADIQUE – Condenando o comportamento de Damião de Góis, implicitamente condenais Bernardim de Montemor, seu indesmentível simpaticante. Porque, seguramente, navega nas mesmas águas corruptas de traição à Santa Doutrina de Deus Nosso Senhor Jesus Cristo.

PADRE SIMÃO – E, no entanto, bem me custaria dizê-lo tão abertamente. Bernardim – por desgraça nossa – alcançou o amor de D. Catarina, que, sendo vossa pupila, muito justamente considerais como sobrinha. Bernardim é, por assim dizer, um parente vosso.

D. FRADIQUE – Fosse ele meu irmão de sangue! Coragem teria eu para extirpar da minha própria família a chaga que a pudesse contaminar. Ah, agora vejo que

foi Deus Nosso Senhor que me enviou Vossa Paternidade, para esclarecer o meu espírito e desviar-me do erro em que certamente iria cair!

PADRE SIMÃO - E eu só agradeço ao Altíssimo o ter-se designado utilizar-me como instrumento da Sua clarividência. *(Pausa.)* Não, meu fraternal D. Fradique Alvarenga! Portugal tem de ser preservado da praga devastadora das doutrinas heréticas! E o nosso ilustre e catolicíssimo Rei D. João III tem de perceber isto uma vez por todas! *(Aproximando-se de D. Fradique.)* Ainda há poucos dias tive o honroso privilégio de ser recebido por Sua Alteza, num jantar íntimo. Aproveitei para falar-lhe dos perigos de contaminação ideológica. Creio que o convenci da necessidade de acabar com o patrocínio aos estudantes portugueses em universidades estrangeiras.

D. FRADIQUE - De que beneficiaram Damião de Góis, Bernardim de Montemor e muitos outros, que hoje são a causa da nossa vergonha e do nosso receio.

PADRE SIMÃO - Pois estou muito convencido de que Sua Alteza brevemente proibirá que os nossos estudantes recebam graus universitários fora das nossas fronteiras.

D. FRADIQUE - Isso parece-me bem, senhor Padre Simão. Isso parece-me bem!

PADRE SIMÃO - Muito acertada foi a vossa decisão, senhor D. Fradique, ao desviardes uma pequena parte dos vossos bens - que o Céu vos concedeu, porque o mereceis! - para a criação do nosso querido Colégio Paulo III. Além do mais, que útil poderá ele vir a ser à causa das nossas missões em terras de infiéis!

D. FRADIQUE - Assim possa Vossa Paternidade ajudar-me, conforme prometeu!

PADRE SIMÃO - Antes que eu possa ajudar-vos... ajudai-me vós a mim. Quebrai as amarras do pernicioso e nefasto compromisso - sabeis perfeitamente ao que me refiro - e este barco seguirá de velas pandas e de vento em popa.

[...]

CENA 6

Em Lisboa, nos princípios de 1541. Apendre ou arcaria do Terreiro do Paço. Sob um dos arcos, sentado num escabelo, frente a uma escrivaninha ou mesinha portátil, Bernardim de Montemor, feito escrivão ou escriba de praça pública. Com muita dignidade e consideração, escreve uma carta que lhe vai ditando Felícia do Rego. E ela vai pontuando as frases com algum gesto e um ou outro movimento.

FELÍCIA – «As lágrimas que por ti tenho chorado – meu saudoso marido – creio que seriam bastantes para encher, bem pelas bordas.

BERNARDIM – «... bem pelas bordas...»

FELÍCIA – «... a talha maior que temos na cozinha. – Mulher mimada que fui – mil vezes feliz contigo – meu trabalho era bordar toalhas e toalhinhas. – Oh, tempo! – Agora, para bem sentir que estou cumprindo meu dever de esposa – procurei acompanhar-te em pensamento, meu querido Lucas – com algum trabalho fora de casa – para que não fosses tu apenas, meu boizinho manso...»

BERNARDIM – «... boizinho manso...?»

FELÍCIA – Isto é nome que eu lhe dou, porque sou mui ternurenta sabeis vós? *(Pausa.)* Mas continuemos. «Para que não fosses tu apenas a suar as estopinhas – para manter esta casa...» *(Precisando, intencionalmente.)* Digo «esta casa», como se dissesse «nossa casa», minha e dele, como se deixa ver. Casa essa que, por sinal, é aqui bem perto, no Beco das Alcaparras, junto ao Lagar de Azeite. Digo isto porque... pode Vossa Mercê precisar de descansar um bocadinho destas escrevinhadelas, ou escrituras... *(Aliviando o decote do corpete.)* Já Vossa Mercê me entende, não é verdade?

BERNARDIM – Entendo, entendo, senhora... Felícia do Rego. Que eu não nasci ontem, naturalmente. Mas continuemos.

FELÍCIA *(retomando o ditado)* – «Portanto, busquei trabalho no Terreiro do Trigo. – Sou medideira.» *(Bruscamente.)* Não, medideira não. Ponha Vossa Mercê outra coisa. Ora... deixai-me ver... Joeireira. Isso: joeireira! *(E, mimando joeirar o trigo, vai saracoteando as ancas, sensual e ostensivamente.)*

BERNARDIM – Naturalmente, sabeis separar o trigo do joio...

FELÍCIA – Ai, que por falar em joio...!

(Entra o rufião Girigaita, de capa e espada, muito aperaltado.)

GIRIGAITA – Bem me pareceu! Que bem andarias tu na gandaia! E, não te vendo no Rossio, já era certo e sabido que estarias no Terreiro do Paço, pois então!

FELÍCIA – Vim só aqui um instantinho, pôr no papel duas linhas que mandasse a meu marido.

GIRIGAITA – Que lá na Índia estará – nos braços de outra, talvez – aguardando a tua carta. Manda-lhe é dizer que não esqueça enviar... *(E, com a mão estendida, esfrega o indicador no polegar, no consabido gesto.)*... os marcaureles!

FELÍCIA - Descansa, que lho direi. O pobrezinho - diga-se a verdade - tem cumprido o seu dever. Nunca nos faltou com a sua ajuda.

GIRIGAITA - E tu, faz o teu dever também. Despacha-te. Quero jantar e deitar-me.

FELÍCIA - Credo, Girigaita, credo! Inda não há uma hora que te levantaste!

GIRIGAITA - Fecha a goela, Felícia, fecha a goela!

FELÍCIA - Já aqui não está quem falou. *(Abre a bolsa que traz à cinta.)* Mas vai andando, se queres, que eu não demoro. Toma a chavinha da casa. *(E dá-lhe uma grossa chave de ferro, que parece de portão de quinta.)*

GIRIGAITA *(aceita-a)* - Encontraste algum freguês para esta tarde?

FELÍCIA - Logo os irei procurar, Girigaita. Não fiques tu em cuidado, que este dia há-de ser ganho, como de costume.

GIRIGAITA *(afastando-se)* - Irás por aí, ao longo dessa Ribeira das Naus. Ou não saberás, acaso, que todos esses navios que continuamente chegam de Veneza ou de Génova, de Antuérpia ou de Sevilha, trazem marinhagem e passageiros de sangue ardente?

FELÍCIA - Descansa, homem, que o dia é grande. Passarei pelo mercado. E comprarei um daqueles peixes de que tanto gostas.

GIRIGAITA *(saindo)* - Xaputa!

FELÍCIA - Rodovalho!

BERNARDIM - Portanto, dizíeis vós que procurastes trabalho no Terreiro do Trigo. «Sou joeireira» - escrevi eu. E agora?

FELÍCIA - Pois terminemos, senhor. *(Pausa.)* «Marido meu: vê se encontras portador para mais algum dinheiro. - Guarda-te bem das serpentes - e doutros bichos venenosos.»

BERNARDIM - «... e doutros bichos venenosos.»

(A este passo surgem, na penumbra de outro arco, D. Fradique Alvarenga e o Padre Simão Rodrigues, que ficam assistindo ao resto da cena.)

FELÍCIA - «Pensa na tua mulherzinha - que te abraça e beija com amor.»

BERNARDIM - «... com amor.»

FELÍCIA - «Sou eu que falo: - Felícia do Rego, do Beco das Alcaparras. - Lisboa, tantos de tal de mil quinhentos e carqueja.»

BERNARDIM – *Finis Laus Deo*, como diriam os mais devotos. (*Espalha um pouco de areia sobre a carta, para secar-lhe a tinta. Recolhe a mesma areia num boião de porcelana. Dobra a carta e entrega-a a Felícia.*) Ora aqui tendes, senhora. E bom proveito, na volta do correio!

FELÍCIA (*abrindo a bolsa*) – Quanto vos devo, senhor?

BERNARDIM – Nada de nada.

FELÍCIA – Como assim? Viveis do vento?

BERNARDIM – Tentarei viver... se me deixarem.

FELÍCIA (*retirando-se*) – Pois muito vos agradeço. Que o Céu vos seja propicio, sempre e sempre. (*Sai.*)

(Levanta-se Bernardim e passa-se para a frente da mesinha de improvisado escritório.)

BERNARDIM (*indicando, com a pena em riste, um ou outro dos hipotéticos circunstantes da época, identificáveis com os espectadores actuais*) – E já estou disponível para escrever outra carta, esta, de negócios, a pedido daquele senhor! E outra carta, de amor, certamente, a pedido daquela nobre dama! Não é que ela a não saiba escrever, em linguagem corrente! Mas porque pretende recheá-la com alguns versos de bom estilo petrarquiano! E assim será feito! É só um momento! Peço a vossa paciência, a vossa benevolência e a vossa condescendência! E redigirei ainda uma petição a El-Rei, a pedido daquele respeitável cavaleiro, solicitando uma tença de 20 mil reais, por bons serviços nas praças do Norte de África! Mas já vamos a isso! É só um momento! Pacientai-vos, por favor! Todos terão a sua vez! Atenderei ainda, com muito prazer, aquela jovem senhora, que pretende carta de recomendação para ingressar no Convento das Carmelitas! (Oh, que pena, meu Deus, que pena!) E atenderei ainda aquela boa mulher, que deseja autorização para vender caranguejos no bairro de Alfama! E aquele Frei Bonifácio de Coisa-e-Tal, que tenciona vender relíquias de santos mártires! É só um momento, minhas senhoras e meus senhores! Pacientai-vos, peço-vos! Todos serão atendidos! E com a maior eficácia! Porque o “*escrivão*” que aqui vedes é pessoa de altos estudos! Bem vos poderia mostrar os respectivos diplomas e atestados! Não o faço porque me impede a minha natural modéstia! Mas poderia recheiar as vossas cartas, petições e requerimentos de belas sentenças latinas, extraídas dos melhores autores! Mas é só um momento! Um de cada vez, por favor! Atenderei a todos, minhas senhoras e meus senhores! E quanto pagareis vós pelo meu trabalho?

Pois não pagareis 30 réis, nem 10, nem 5! Porque todo o meu trabalho será absolutamente gratuito! Porque há-de ser esta a minha maneira de mostrar a todos o regozijo que tenho pelo meu feliz regresso a este País!, que adoro!, – logo depois de Deus, naturalmente! E digo isto para tranquilizar algumas orelhas mais compridas que eventualmente me escutem! Não, não pagareis nada pelo meu trabalho! É esta a minha maneira de servir Portugal!, escrevendo cartas, petições e requerimentos!, nas arcadas do Terreiro do Paço!, depois de haver concluído os meus estudos no famoso Colégio de Santa Bárbara, de Paris! É só um momento! Não vos impacienteis, por favor! E ainda vos quero dizer que estou suficientemente informado de muitas e variadas coisas que por aí se passam! E essas notícias, poderei naturalmente incluí-las nas cartas que, a vosso pedido, escreverei aos vossos parentes e amigos ausentes da Pátria! Sabeis, por exemplo, que... nomeado o senhor Cardeal D. Henrique, irmão de El-Rei, Inquisidor Geral... o Santo Ofício iniciou já a sua actividade censória aos livros publicados?! E que, muito brevemente, se criará no Porto o Tribunal da Inquisição?! Aleluia! Aleluia!, que recuperamos o nosso atraso em relação a outros países da Europa!

(E, dizendo isto, reaproximou-se da mesinha portátil, tomou um maço de folhas de papel em branco e lançou-as ao ar.

No seu recanto obscuro, D. Fradique Alvarenga e o Padre Simão Rodrigues benzem-se, estupefactos. E saem, discretamente.

Entretanto, haviam entrado e mantiveram-se a um dos lados, Baltasar de Montemor, D. Margarida e D. Catarina, que agora avançam para Bernardim, de certo modo consternados com o que acabam de ouvir.)

BALTASAR *(tomando-o por um braço, carinhosamente)* – Vamos para casa, meu filho.

D. MARGARIDA *(afagando-lhe o rosto)* – Há que evitar estas imprudências, estes escândalos.

(D. Catarina contorce as mãos, perturbada.)

BERNARDIM – O meu coração encheu-se de perplexidades e revolta. Não admira que transbordasse. Desculpai-me vós todos, se podeis.

(D. Catarina corre para ele e abraça-o enternecidamente.)

BALTASAR – Ainda que seja inverno, Bernardim, creio que os ares puros e frescos do Alentejo te fariam bem. Por que não te resolves a passar duas ou três

semanas na nossa bela casa de Montemor, de que tão pouco nos servimos, infelizmente?

D. MARGARIDA – Teu pai tem razão, Bernardim. Aceita esta sugestão, e verás que hás-de regressar retemperado, com muito mais energia para enfrentar estes percalços da vida.

D. CATARINA – E eu irei contigo, Bernardim. Eu irei contigo!

BERNARDIM – Sim, Catarina, meu anjo-da-guarda. *(E beija-a comovido.)*

BALTASAR – Entretanto, se mo permites, meu filho, ir-te-ei preparando uma missão na Flandres. Assuntos de negócios, ainda pendentes, que é necessário desatar. E tu és a pessoa indicada para o efeito.

D. MARGARIDA – Vamos, meu filho.

(Bernardim tem ainda na mão a grande e bela pena de escrever. Destaca-se do grupo, avançando alguns passos. E toma a atitude de lançar a pena, em voo, para o alto e para um dos lados.)

BERNARDIM – Voa, minha pena, voa! *(E atira-a, energicamente.)* Foge das censuras do Santo Ofício, pássaro inocente! Procura os horizontes abertos da liberdade!

(Sai, decididamente, e logo os familiares o acompanham, apressados.)

FIM DA 1.ª PARTE

[...]

CENA 8

Ainda em Antuérpia, em casa de Baltasar de Montemor. Na mesma sala, três dias depois.

JERÓNIMO - De qualquer modo, Damião, Antuérpia não é propriamente um paraíso para todos os seus habitantes.

DAMIÃO - Não duvido.

JERÓNIMO - Segundo ouço dizer, muitos artesãos, cheios de filhos, empobrecem cada vez mais.

DAMIÃO - Infelizmente, essa é a realidade. E as rendas das casas? Aumentam escandalosamente. Dizem-me que os trabalhadores não qualificados têm de consagrar 15 a 20% do salário anual ao pagamento do aluguer da habitação, por vezes bem modesta.

JERÓNIMO - Por isso mesmo, segundo me contaram, muitos jovens retardam o casamento, por não poderem pagar rendas tão elevadas! E já vai sendo frequente encontrar 2 ou 3 casais morando na mesma casa!

DAMIÃO - Entretanto, os arredores da cidade vão-se engalanando de belas moradias, pertencentes a um pequeno número de mercadores, financeiros e industriais que têm sabido acumular riquezas consideráveis!

(Açodado, entra Estêvão, o velho criado.)

ESTÊVÃO - Ora, seja Deus louvado! Seja Deus louvado!

DAMIÃO - E por que razão, desta vez, louvaminheiro do Altíssimo?

ESTÊVÃO - Ai, só me parece que morro! Mas que alegria!

JERÓNIMO - Primeiramente, a mensagem!

ESTÊVÃO - Os meus queridos amos apearam-se agora mesmo da carruagem do Feitor! E já vêm aí, subindo a escada!

(Sem poderem articular palavra, Damião e Jerónimo dirigem-se para a porta, apressados.)

Entram D. Catarina e Bernardim. Logo depois, João Rebelo, Feitor de Portugal.)

D. CATARINA - Mas que agradável surpresa! A nossa casa tomada de assalto!

DAMIÃO - Pelos vossos melhores amigos!

BERNARDIM – Jerónimo! Não te julgava em Antuérpia, mas em Lisboa! (*E abraça-o.*)

JERÓNIMO – Que desaparecimento foi este?! E por tão longo tempo.

(E prosseguem num entrecruzar de abraços e outras manifestações de afecto e estima.)

O FEITOR – Estava eu na torrinha da nossa Feitoria, de onde, sempre que posso, gosto de vigiar as entradas e as saídas dos navios. Mau grado o nevoeiro, mais e mais se me afigurou o porte elegante da nau “São Jorge”!

BERNARDIM – E tu por aqui, Damião! Que prazer em ver-te! Como vão as coisas em Lovaina?

DAMIÃO – Depois te conto. Mais urgente é sabermos nós em que viagens ou aventuras andastes perdidos.

D. CATARINA – *(aproximando-se de Estêvão, cuja alegria é bem patente)* – E quanto a notícias de Lisboa, Estêvão? Chegaram algumas cartas?

ESTÊVÃO – Um maço delas, senhora.

D. CATARINA – E que dizem? Que dizem?

ESTÊVÃO – Senhora, não as abri. Creio que são quase todas do senhor Baltasar e da senhora D. Margarida.

D. CATARINA – Vai buscá-las, Estêvão, vai buscá-las. *(E desembaraça-se da capa, que põe a um lado.)*

(Sai o servidor, apressado.)

DAMIÃO *(para Bernardim)* – Mas fala! Fala!, que estamos ansiosos por ouvir-te! Com tanta demora, bem poderias ter repetido a viagem de circum-navegação do nosso Fernão de Magalhães!

BERNARDIM *(desembaraçando-se também da capa e da espada)* – Ena, que exagero! Só se te referes ao tempo global de todas as minhas viagens, desde que, há cerca de 3 anos, regresssei de Portugal.

JERÓNIMO – Mas... tornaste-te marinheiro, Bernardim? Navegador, descobridor, talvez? Pena é que já bem pouco reste por descobrir, desse vasto Mundo...

BERNARDIM – Pois, se quereis ouvir...

(Jerónimo, Damião e o feitor vão sentar-se em cadeiras dispersas pela sala.)

BERNARDIM – Com aquela franqueza que sempre foi a minha e a vossa amizade merece, falarei sem reservas, em plena liberdade. Nenhum facto, por mais reprovável que seja, tenciono subtrair ao vosso conhecimento.

(Volta a entrar o velho criado, com o maço de cartas, que entrega a D. Catarina.)

D. CATARINA – Obrigada, Estêvão.

ESTÊVÃO – Que sejam as melhores notícias, senhora D. Catarina! *(E sai.)*

(E ela, ansiosa, vai sentar-se a um canto, para a leitura.)

BERNARDIM – Se bem vos recordais, amigos, o meu regresso a Portugal, nos finais de 540, depois dos diligentes e proveitosos estudos em Paris, trouxeram-me um amargo, um doloroso desencanto. Refiro-me, naturalmente, àquele golpe traiçoeiro que me preparou D. Fradique Alvarenga, ao recusar-me o cargo de reitor do seu Colégio Alexandre Farnésio, vulgo Paulo III.

DAMIÃO – Tudo isso está e estará lastimosamente presente na nossa memória.

BERNARDIM – Com a generosa intenção de afastar-me do lamentável estado de angústia e de revolta em que me achava, meu pai encontrou maneira de me fazer sair de Portugal, encarregando-me de uma missão comercial em Antuérpia. A que se juntou a procura de uma casa, que aqui nos pudesse servir de ponto de apoio aos negócios da Flandres. E a casa é esta, precisamente, em que tenho a honra de receber-vos.

JERÓNIMO – E eu creio que tive a honra de ser o primeiro hóspede.

DAMIÃO – E eu o segundo!

O FEITOR – Como alternativa de hospedagem, claro que tereis sempre a Feitoria de Portugal.

(Jerónimo e Damião fazem vénia de agradecimento.)

JERÓNIMO – E, antes de mais, devo esclarecer que, desta vez, preferi hospedar-me nesta casa, correspondendo ao amável convite que me fizeram teus pais.

BERNARDIM – Que naturalmente terá sequência, nos inúmeros convites que eu próprio te farei. E ao meu querido Damião de Góis, como é evidente.

(Jerónimo e Damião repetem as vénias.)

JERÓNIMO – E esta minha viagem a Antuérpia deve-se muito concretamente a um objectivo muito preciso, a missão de que fui encarregado: saber notícias tuas e de Catarina. Saber do vosso misterioso paradeiro. Investiguei quanto pude, junto de todas as pessoas que achei me poderiam ajudar, começando, claro está, pelo nosso excelente representante na Flandres, o Feitor João Rebelo.

O FEITOR – Que nada ou muito pouco te poderia... ou deveria dizer. Melhor falará o próprio Bernardim das suas andanças e aventuras marítimas.

JERÓNIMO – Por bem pouco não regressava eu a Lisboa, sem notícias dos nossos viajantes, com as quais pudesse aliviar o sofrimento dos teus parentes.

BERNARDIM – Por que dizes isso? Deverias... partir brevemente.

JERÓNIMO – Devo partir brevemente.

BERNARDIM – Ora, ora. *(Aproximando-se da mulher, ainda embrenhada na leitura das cartas.)* E essas notícias de Lisboa, Catarina?

D. CATARINA – Satisfatórias. Pelo menos as que se prendem com os nossos familiares. Que outras haverá menos animadoras.

DAMIÃO – Mas, meus amigos: deixemos que Bernardim retome a sua narrativa, que é certamente apaixonante.

BERNARDIM – Em poucas palavras: terminados os negócios de meu pai, e adquirida a nossa casa flamenga, decidi-me empreender uma viagem. Sempre a bordo da nau “São Jorge”, que é a minha preferida. Sem rumo determinado. Levando a tripulação minimamente indispensável.

JERÓNIMO – E Catarina?

BERNARDIM – Catarina era a companheira imprescindível. Mais importante que todas as bússolas, todas as estrelas-polares e todas as cartas de navegação! *(Pausa.)* Ao sétimo dia de viagem, surge-nos a estibordo uma nau espanhola. Por desfastio e puro divertimento, decidimos abordá-la.

DAMIÃO – Começo a gostar da história!

JERÓNIMO – Mas que ousadia!

BERNARDIM – Bem fornecidos de armas, isso não se poderá dizer que estivéssemos! Mas chegaram-nos para garantir o bom sucesso do assalto. Era um navio de 500 toneladas, com um pequeno carregamento de barras de ouro, parte das quais, naturalmente, fizemos transitar para a nau “São Jorge”.

JERÓNIMO – Ouro?! E roubaste-o! Assim com esse descaramento?!

BERNARDIM – Pudera não! E julgas tu, inocente criatura, que o proprietário desse navio espanhol havia comprado o luzente metal aos indígenas do México ou do Perú? Não conheces o ditado: «Ladrão que rouba a ladrão tem cem anos de perdão»?

JERÓNIMO – Estou perplexo!

BERNARDIM – Ora. Umhas pequenas barras de ouro, coisa insignificante, na verdade, para compensar as despesas da viagem.

DAMIÃO (*irónico*) – Homem, essa não era uma viagem de recreio? Haveria de suportá-la qualquer armador de Sevilha... suponho.

BERNARDIM – Viagem de recreio, dizes tu. Pois não o seria em todos os aspectos. Imagina que, passadas umas duas semanas sobre esta aventura, depara-se-nos um galeão português, que regressava da Índia, com um extraordinário carregamento de especiarias. Tomámos para o nosso navio uma pequena parte – também se poderia considerar um modesto imposto de justiça.

JERÓNIMO – Imposto de justiça?

BERNARDIM – Sim, da justiça que iríamos executar. Porque o que mais nos interessava era obrigar o capitão a retornar à Costa da Guiné, por onde havia passado, e devolver àquelas terras a mercadoria mais preciosa. Refiro-me a 418 homens, mulheres e crianças que, muito a contra gosto, efectuavam aquela viagem. Mas, sobre isto, melhor poderia falar aquela dama, cúmplice adorável nestes meus actos de pirataria. (*Dirige-se à mulher que, gentilmente, coloca-lhe uma mão no ombro. Ela interrompeu a leitura das cartas.*) Continua, Catarina, a relação desta odisseia.

D. CATARINA (*que deixa sobre a cadeira o maço de cartas e se dirige para o centro da sala*) – Pois convém dizer, antes de mais, que este pesado galeão se chama... “Paulo III”. Pertence, como deves saber, à frota de D. Fradique Alvarenga a quem em tempos eu chamava “tio”, à falta de melhor parentesco. O capitão, Bartolomeu Barlavento, por certo que me conhecia, e muito bem até, pois sempre nos visitava, quando regressava da Índia. E sempre me viu ali, a um canto da sala como donzela de grande recato, bordando no bastidor, tocando alaúde, lendo o meu «Livro de Horas». Imaginai agora a sua cara – que mais parece talhada em madeira de cipreste! – ao ver-me transformada em amazona do mar, de espada à cinta e arcabuz em riste, saltando a amurada do navio, logo depois de Bernardim!

DAMIÃO – Imagino, imagino!

BERNARDIM – O homem ficou tartamudo e apoplético!

D. CATARINA – «Mestre Barlavento» – disse-lhe eu. – «Gostaríamos muito de descer às cobertas do navio. Quereis ter a gentileza de acompanhar-nos?» – Ficaram alguns dos nossos marinheiros, devidamente armados, em vários pontos estratégicos: no convés, nos castelos da proa e da popa. Outros desceram connosco. Fomos encontrar, na penúltima coberta, 223 escravos; e, na última, 195. Amontoados quase, e acorrentados a umas argolas de ferro, em toda a volta, e também ao centro, ao redor dos mastros. Uma promiscuidade! Um cheiro nauseabundo! Naquela escuridão, alguns pareciam caídos num torpor mortal; outros, desesperados, mordiam-se. Bernardim e eu, que nunca tínhamos visto semelhante espectáculo – que só Dante Alighieri saberia descrever – mal podíamos articular palavra, embargados que estávamos pelas lágrimas. *(Profundamente comovida, volta-se para o fundo e, muito discretamente, enxuga os olhos, com um lençinho que retira da manga.)* Em mim – mais do que por ser mulher – o choque e a comoção não poderiam deixar de ser maiores. É que, amigos meus – e isto confesso-vos do coração aberto – tinha pleno conhecimento de que o tráfico de escravos era um dos negócios mais rendosos de D. Fradique Alvarenga, e sempre me calei, e ali vivi, naquela casa, até ao meu casamento, rodeada de tantos aparatos e ostentações, em boa parte provenientes deste execrável comércio de inocentes vidas humanas!

(Bernardim aproxima-se dela e procura consolá-la, tomando-lhe as mãos e beijando-lhas.)

BERNARDIM – Mas não te atormentes assim, Catarina. Nesse tempo, que poderias tu fazer?, dependente que estavas de D. Fradique.

D. CATARINA – Poderia ter protestado, energicamente!

DAMIÃO – E ver-te-ias posta na rua. Com uma alternativa apenas, a de recolheres a um convento.

JERÓNIMO – E depois, Catarina? E depois?

D. CATARINA – Interroguei o capitão sobre a proveniência dos escravos. Respondeu-me que algumas vezes os trazia de São Tomé outras do Senegal e de Cabo Verde. Mas que aquele carregamento – que por ocasião não era dos mais volumosos – provinha da Costa da Guiné. Bernardim e eu consultámo-nos com o olhar. E por certo coincidiram os nossos pensamentos. Mas foi Bernardim quem falou.

BERNARDIM - «Mestre Barlavento» - disse-lhe eu. - «Tratareis de mandar desacorrenatar estas pobres criaturas, que passarão a circular, em plena liberdade, por todo o navio. Mandareis alimentá-los convenientemente, como qualquer passageiro. Há algum médico a bordo?» - Respondeu-me que sim. - «Aos seus cuidados encomendo os que vêm doentes. Que muitos são, ao que vejo».

D. CATARINA - E o Barlavento só respondia: - «Sim, senhor Pirata, sim, senhor Pirata.»

BERNARDIM - «Vou dar ordens para que regresse à Flandres o meu navio. Com o respectivo capitão e alguns marinheiros. Porque os outros ficarão aqui, a bordo desta naviarra, comigo e com minha mulher. E sabeis agora o rumo da nossa viagem?» - «E como hei-de eu saber, senhor Pirata?» - «E como hei-de eu saber, senhor Pirata?» - interrogou ele, visivelmente amedrontado. - «Só sei que estou à mercê... de Vossa Mercê.»

D. CATARINA - A verdade é que Bernardim tomou o comando do velho galeão «Paulo III» e ordenou ao piloto que de novo se fizesse à vela, em direcção à África, mais concretamente: à Costa da Guiné.

DAMIÃO - Como eu gostaria de vos ter acompanhado nessa viagem!

JERÓNIMO - Sim, que espírito aventureiro é coisa que te não falta. E já veremos!

D. CATARINA - Chegados a uma praia, e desembarcados, os negros não fugiram. Antes se mantiveram connosco, ajudando-nos a fazer aguada. Trouxeram-nos alimentos vários: peças de carne e frutas.

BERNARDIM - Partimos ao outro dia, pelo entardecer. O galeão afastava-se. E, enquanto pudemos ver terra, nitidamente, sempre os adivinhámos na praia, acenando. *(Aproxima-se da cadeira em que estava sentada D. Catarina, toma o maço de cartas abertas e dá-lhe uma vista de olhos.)*

D. CATARINA - Tal tem sido a nossa vida nestes últimos anos: agitada e apaixonante.

JERÓNIMO - Começo a simpatizar com a vossa causa.

DAMIÃO *(levanta-se e passeia pela sala)* - E eu! E de que maneira! Orgulho-me da vossa amizade.

O FEITOR - Com não menos curiosidade e entusiasmo voltei a ouvir as peripécias desta viagem, que há menos de duas horas escutara, no cais. *(Pausa.)* Mas

desta vez, também, creio que Damião de Góis terá a comunicar-vos algumas novas surpreendentes.

BERNARDIM – *(voltando a pôr as cartas sobre a cadeira)* – Queremos ouvi-las. E quanto antes!

DAMIÃO – E por que não daqui a pouco, quando estivermos à mesa?

D. CATARINA – A propósito, irei num instante à cozinha. Quero ver os outros criados! E algumas indicações serão necessárias para o jantar!

BERNARDIM – Aguarda um momento, Catarina. Ouve primeiro o que tem para nos contar Damião de Góis.

(D. Catarina vai sentar-se de novo. Com o maço de cartas no regaço, dispõe-se a escutar atentamente.)

DAMIÃO – Pois dir-vos-ei tudo isto em duas palavras. (Para que se não atrasem os preparativos do repasto.)

(Riem-se os amigos.)

DAMIÃO *(passeando pela sala)* – O ano passado, seguia eu em viagem, acompanhado de minha mulher, a caminho da Holanda. Chegam-me entretanto notícias verdadeiramente inquietantes. Lovaina, a minha querida cidade adoptiva, estava sendo ameaçada por um exército francês.

BERNARDIM – Por um exército francês? Não tive o mínimo conhecimento.

DAMIÃO – Como queria o senhor Pirata, actuando em pleno Atlântico e em costas africanas, ter notícias destas insignificâncias políticas?

BERNARDIM – Perdão, Mestre.

DAMIÃO – Era Longueval quem comandava as tropas. Dirigir-me imediatamente a Lovaina foi a minha decisão, pois não queria deixar de participar na defesa da cidade.

O FEITOR – Aqui interrompo eu, porque suspeito que Damião de Góis se prepara para omitir um pormenor relevante. E eu apoio a minha afirmação em relatos que por outras vias me chegaram de Lovaina. É que o papel de Damião de Góis na luta pela defesa da cidade foi deveras importante, e publicamente reconhecido.

DAMIÃO – Isso não me impediu de cair nas mãos do inimigo.

D. CATARINA – Meu Deus! Por muito tempo?

DAMIÃO – Primeiramente enviado para a Normandia, ali passei cerca de nove meses. Mudaram-me depois para Fontainebleau. Acabei por ser resgatado por uma quantia talvez excessiva: 6 mil ducados.

BERNARDIM – Excessiva? Um Damião de Góis vale seguramente... 6 milhões de ducados!

JERÓNIMO – Que aventuras, amigos meus, que aventuras! Só eu, Jerónimo Garcia, estou condenado ao anonimato. A única coisa digna de que me poderei orgulhar é de que vim à Flandres em demanda de notícias de Bernardim e Catarina.

O FEITOR – Mas agora, o epílogo das apaixonantes aventuras e desventuras de Damião de Góis. Esse epílogo, quero eu próprio contá-lo. *(Pausa)* Sua Majestade o Imperador Carlos V, por acréscimo soberano da Flandres... *(E faz medida)* ...dignou-se recompensar o nosso herói pelos prejuízos do seu encarceramento, concedendo-lhe brasão de armas!

BERNARDIM – Brasão de armas?! E eu que, pelos meus desmandos e com a cumplicidade da minha doce Catarina, me arrisco a receber a 'Grande Comenda da Ordem do Baraço'!

(Riem-se todos. D. Catarina retoma a leitura das cartas.)

DAMIÃO – Pois muito a propósito vem o que falta dizer. *(Pausa de efeito.)* É que Sua Majestade o Imperador Carlos V se dignou também conceder-me cartas de represália contra os Franceses!

BERNARDIM – Cartas de represália? Contra os Franceses? *(Pousando-lhe a mão no ombro.)* Amigo: a nau 'São Jorge' está à tua disposição. Embarca connosco, na nossa próxima viagem.

DAMIÃO – Ora, ora. Não sou pela vingança.

BERNARDIM – Eu também não. Sou pela justiça!

DAMIÃO – Ficarei em Antuérpia uns dois ou três dias...

BERNARDIM – Apenas?

DAMIÃO – ... para matar saudades vossas. E logo seguirei para Lovaina, a juntar-me à mulher e aos filhos. Quero dispor de uns meses para arrumar uns assuntos na Universidade e preparar o meu regresso a Lisboa.

BERNARDIM – Pensas regressar a Portugal? És mais corajoso do que eu, que ainda não me refiz do meu desgosto e da minha cólera.

(D. Catarina levanta-se e, precipitadamente, dirige-se para o marido, com uma carta aberta.)

D. CATARINA – Escuta, Bernardim, o que te manda dizer teu pai. *(Lê.)* «Os Jesuítas instalaram-se já em Coimbra, com armas e bagagens.»

BERNARDIM – Alegrai-vos, ó Ninfas do Mondego!

JERÓNIMO *(dirigindo-se a Bernardim)* – A propósito de Jesuítas: sabes que o Padre Simão Rodrigues deu início às suas aulas no Coleginho de Santo Antão?

BERNARDIM – No Coleginho de Santo Antão?

JERÓNIMO – Sim, homem. O Mosteiro de Santo Antão-o-Velho, à Mouraria, que o piedoso D. João III lhes cedeu, não há muitos meses.

D. CATARINA – E o Colégio de D. Fradique?

JERÓNIMO – Funciona. Mas sob a direcção de um outro jesuíta, cujo nome agora me escapa. Pessoa de muita confiança de Simão Rodrigues. E de D. Fradique Alvarenga, naturalmente.

D. CATARINA – Outra, Bernardim. *(Lê.)* «Em Lisboa é voz corrente que o Padre Simão Rodrigues será o primeiro Provincial da Companhia de Jesus».

BERNARDIM – E se falássemos de cobras e lagartos, Catarina? Não seria mais agradável? *(Passa a mão pela vista, perturbado.)*

(D. Catarina afasta-se, prosseguindo em voz baixa a leitura da carta. Damião de Góis, passando por um alaúde, que está sobre a mesa, toma-o e senta-se a tocar uma melodia da época. Jerónimo aproxima-se de Bernardim e colhe-o por um braço, muito cordialmente.)

JERÓNIMO – Como vou eu, Bernardim, dar contas a teus pais desta missão que me trouxe a Antuérpia?

BERNARDIM – Eu próprio lhes escreverei. E tu mesmo serás o portador.

JERÓNIMO – Com muito prazer.

BERNARDIM – Longamente aguardaram as minhas notícias. Mas serei verdadeiro, acredita. Tu acrescentarás o que te aprouver. *(Pausa.)* Não te esqueça

dizer-lhes que a conjunção de duas estrelas funestas, pairantes ainda no horizonte de Lisboa, me fez cometer alguns desatinos. *(Pausa.)* De que não me arrependo.

(Por algum tempo ainda, ouve-se o alaúde com que se entretém Damião de Góis.)

[...]